

A construção social do sexo: alguns aspectos a considerar sobre a terceira idade

Larissa Fernanda Garcia Botacci ¹

Resumo: Este trabalho versa sobre os sentidos da sexualidade dos idosos. Salientamos também, por meio da pesquisa bibliográfica e etnográfica, discussões a respeito de fatores que influenciam a vivência sexual destes sujeitos. O foco central de análise foi o de descortinar alguns significados e implicações do comportamento sexual no processo de envelhecimento, por entendermos a sexualidade como um importante aspecto da vida, que envolve dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais. Dessa forma, fatores como educação familiar e escolar, religião e mídia influenciam a sexualidade desses sujeitos, agindo como instituições repressoras. Ao refletirmos sobre tais aspectos, entendemos que culturalmente os idosos não mantêm relações sexuais porque isso lhes foi imposto pela sociedade, seja por mitos, estereótipos ou pela educação que receberam ainda crianças, ou seja, muitas vezes a ausência do sexo nessa fase da vida não se dá por falta de prazer ou vontade. Assim, consideramos como principais objetivos deste estudo conhecer como é a vivência da sexualidade dos idosos; identificar os fatores que influenciam a vivência sexual desses sujeitos e compreender em que medida essa sexualidade é condicionada por valores, estereótipos e tabus existentes em nossa sociedade.

Palavras-chave: Cultura; sexualidade; terceira idade.

The social sex construction: some aspects to consider about third aged people

Abstract: This work tells about the old people's sexual senses. We also emphasize, through researches, and discussions about factors that influence these people's sexual living. The central focus of analysis was the one of finding some meanings and implications of sexual behavior in the aging process, due to the fact that we understand the sexuality as an important life aspect that involves biological, psychological and socio-cultural dimensions. So, in this sense, factors as family and school education, religion and media influence these people's sexuality, acting like repressive institutions. By reflecting about such aspects, we understand that culturally, old people don't have sex, because this was something imposed by society or by myths, due to my this, stereotypes or by the education they received when they were children. This means, the absence of sex on this phase of their lives doesn't mean lack of desire. This way we consider as main objectives of this study to know

¹ Aluna do programa de pós-graduação em História Social pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

what the old people's sexual living is like, identify factors that influenced these people's sexual living and understand how much this sexuality is conditioned by values, stereotypes and taboos existing in our society.

Keywords: Culture, sexuality, aged people.

Atualmente assistimos a um perceptível aumento de estudos sobre a terceira idade². E é nesse contexto de ampliação numérica desses estudos e da visibilidade desses sujeitos que este trabalho se insere, demandando maior interlocução com outras áreas, como a Antropologia, no intuito de investigar a conduta sexual humana como sendo socioculturalmente determinada.

Segundo o Censo realizado no ano 2000 pelo IBGE³, o idoso⁴ brasileiro configura um contingente de quase 15 milhões de pessoas. Esse mesmo censo mostra que a proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. Assim, podemos inferir que a população brasileira envelhece em ritmo acelerado, e essa mudança na estrutura etária provoca também alterações em toda a sociedade, considerando que essa população exige cuidados. Convém enfatizarmos o que Chauí diz no prefácio da obra de Bosi (2004, p.18): “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles.”

Nesse sentido, podemos entender o envelhecimento como um processo natural da vida humana, que traz uma série de modificações biopsicossociais que alteram a relação dos homens e mulheres com o meio em que estão inseridos. Assim, entendemos que a sexualidade e o gênero são construções históricas e sociais. A posição aqui assumida vai ao encontro do que afirma Chauí (*apud* BOSI, 2004, p.18), ao apontar que “a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa”. Comumente vemos vários estudos sobre a população idosa, sobretudo na área da saúde, em que a sexualidade vem quase

² Neste trabalho, usamos o termo “terceira idade” para nos referir aos idosos em geral, entretanto há autores, como Debert (1999), que entendem esse termo como sendo uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que não adquiriu ainda uma conotação depreciativa.

³ IBGE. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. Rio de Janeiro, 2002.

⁴ Entendemos por idoso a pessoa que tenha idade igual ou superior a 60 anos. Ver artigo 1º do Estatuto do Idoso. Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/idoso.pdf>.

sempre representada por discursos sobre as mudanças no corpo, vinculando desempenho sexual a fatores biológicos. Esse fato nos leva à seguinte indagação: essa sexualidade é determinada biológica ou culturalmente?

Para falarmos de sexualidade devemos ter claras as acepções desse termo. Segundo Picazio (1998), a composição da sexualidade é a seguinte: o sexo biológico (características genóticas e fenóticas de meu corpo); a orientação sexual (quem desejo); a identidade sexual (quem acredito ser); o papel do gênero (como me comporto); a prática erótica (como faço sexo). Enfatizamos, no entanto, que, na reflexão contida neste trabalho, privilegiamos a questão em seu aspecto histórico e sociológico. Partindo dessa perspectiva, prendemo-nos à análise do papel do gênero na sexualidade da terceira idade, considerando que “a identidade sexual em geral se manifesta em um comportamento social, chamado papel sexual. Apesar de chamar-se sexual, trata-se mais de um papel social, mas que também inclui relações sexuais”. (PICAZIO, 1998, p. 22).

Diante disso, entendemos o gênero como uma construção social do sexo⁵ (construído social e culturalmente), buscando compreender não as atividades sexuais dos idosos segundo fatores biológicos, como, por exemplo, a capacidade de ereção, de ejaculação, mas sim o comportamento sexual desses sujeitos na relação estabelecida com os autores. Segundo o Censo de 2000 do IBGE, a relação entre gênero e envelhecimento baseia-se nas mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e nos acontecimentos ligados ao ciclo de vida, uma vez que se entende o significado social da idade como profundamente vinculado ao gênero.

SEXUALIDADE: UM PROBLEMA MAIS SOCIAL DO QUE PESSOAL

Para adentrar na reflexão sobre a questão em pauta, usamos a seguir o conto “Ruído de Passos”, de Clarice Lispector:

Tinha oitenta e um anos de idade. Chamava-se dona Cândida Raposo.

⁵ HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, ano 1, nº 2, CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa.

Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.

Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa:

- Quando é que passa?

- Passa o quê, minha senhora?

- A coisa.

- Que coisa?

- A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.

- Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.

Olhou- o espantada.

- Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!

- Não importa, minha senhora. É até morrer.

- Mas isso é o inferno!

- É a vida, senhora Raposo.

A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?

- E o que é que eu faço? Ninguém me quer mais...

O médico olhou-a com piedade.

- Não há remédio, minha senhora.

- E se eu pagasse?

- Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de idade.

- E... e se eu me arranjasse sozinha? O senhor entende o que eu quero dizer?

- É, disse o médico. Pode ser um remédio.

Então saiu do consultório. A filha esperava-a embaixo, de carro. Um filho Cândida Raposo perdera na guerra, era um pracinha. Tinha essa intolerável dor no coração: a de sobreviver a um ser adorado.

Nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a benção da morte.

A morte.

Pareceu-lhe ouvir ruído de passos. Os passos de seu marido Antenor Raposo. (LISPECTOR, 1998, p.55-56)

Ao expor um drama íntimo de uma idosa, que manifesta sua sexualidade demonstrando a repressão a que fora submetida durante sua vida, Clarice Lispector permite-nos refletir sobre um assunto que não é comumente discutido, levando-nos a indagar o porquê de não haver discussão sobre esse tema e o modo como essa face da velhice é vista pela sociedade.

Cândida Raposo mostra, a partir de suas ações, os estereótipos associados à sexualidade dos idosos, as representações sociais equivocadas a respeito da manifestação da sexualidade na terceira idade. Barbosa (*apud* BOSI, 2004, p. 11)

assinala que, “em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades - traduções do dilaceramento e da culpa”. Assim, podemos inferir que são muitos os estigmas atribuídos ao comportamento sexual. No caso feminino, as mulheres são tidas como alguém que não sente mais desejo. Para a realização das entrevistas desta pesquisa, a primeira ideia foi entrevistar nossos avós, mas não conseguíamos ao menos imaginá-los falando sobre sua intimidade, quando então pudemos constatar o funcionamento dos mecanismos do tabu no contexto de um núcleo familiar.

Conforme Foucault (2005), a sexualidade vai absorver a função de reproduzir, e, no espaço social, o único lugar da sexualidade vai ser o quarto dos pais. E, nessa redução ao silêncio, as crianças são tidas como assexuadas, sendo esta uma boa razão para interditá-las, para proibi-las de falar sobre isso.

Essa visão assexuada que Foucault atribui à criança é também intrínseca ao idoso e pode ser observada por quem as vivencia ou não. Observando Cândida Raposo, que, ao saber que sempre irá sentir desejo, pensa que a vida “é uma falta de vergonha” e, ao satisfazer-se, sente-se culpada, podemos refletir sobre o temor dos idosos de ter sua vida sexual como alvo de chacotas, comentários, rótulos. Esses fatores podem ser atribuídos ao “puritanismo moderno”, que, segundo Foucault (2005), se impôs com seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.

Assim, tais formas de interpretar a sexualidade dessa faixa etária, tanto para o idoso, quanto para os demais sujeitos, podem ser manifestas por palavras, sentimentos e condutas que não são, necessariamente, conscientes ou intencionais, pois são reflexos da cultura⁶ e do mundo social em que estamos inseridos.

Em “Ruído de Passos”, notamos que as manifestações sexuais – neste caso, a masturbação e o desejo – não se diluem com a idade, ou seja, as alterações fisiológicas não implicam o abandono da sexualidade. Nesse sentido, Fucs (1992 *apud* RISMAN, 1996, p. 94) assinala que:

⁶ Utilizamos o termo cultura amplamente para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar. Ver LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

A sociedade taxa os velhos de 'menos homens e mulheres', de seres 'assexuados'. É um grande malefício que se faz com indivíduos de idade avançada, porque muitos são os que podem até usufruir mais do que quando eram jovens. A sexualidade tem pouco ou nada a ver com unicamente ereções e orgasmos, e sim com comunhão, com tocar e se deixar tocar, acariciar e ser acariciada, ter e dar prazer. É só conseguir mudar o padrão de encarar e atuar, usando formas abertas e receptivas entre si, que se chega ao nirvana nos encontros amorosos.

Embora Fucs (1992) comente sobre outras formas de relações entre pessoas da terceira idade que não sejam a atividade sexual propriamente dita, não visamos discorrer sobre tais questões nas relações sexuais desses sujeitos, mas sim compreender, ainda tomando como exemplo Cândida Raposo, por que essa senhora reage com repressão e preconceito sobre suas próprias manifestações sexuais. Nesse sentido, entendemos a repressão como Chauí (1984, p.12) a define: “tanto como ato de reprimir (um agir repressivo) quanto o efeito desse ato de reprimir (algo ou alguém reprimido)”.

Ainda que o que tenha sido ponderado até agora tenha dado ênfase à repressão sexual, ao preconceito sociocultural manifesto por meio de estereótipos, só é possível uma melhor compreensão dessa repressão sexual na velhice se nos remetermos a um estudo sobre os objetivos e regras do comportamento sexual em algumas civilizações ocidentais antigas.

Partindo desses pressupostos, o objetivo deste estudo é o de conhecer como a sociedade determina a sexualidade dos idosos. Para tanto, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico acerca de questões como gênero, velhice e sexualidade, além de observações e considerações expressas por esses sujeitos. A pesquisa etnográfica foi realizada na cidade de Três Lagoas - MS, entre os meses de maio e junho de 2010, como parte do trabalho de conclusão de curso, apresentado ao final do mesmo ano. Para a realização da pesquisa, foi entrevistado um casal de idosos: o homem com oitenta e um anos de idade e a sua esposa com setenta e seis. A escolha desse casal se deu, primeiramente, por serem idosos e por terem tido uma vivência sexual durante a terceira idade, podendo assim colaborar com a pesquisa. Outro fator que contribuiu para esta escolha foi o fato de que este casal

estava predisposto a contribuir com a pesquisa, a revelar suas experiências. Por meio de suas histórias de vida, foi possível captar, em suas falas, uma constante: conservações do passado e articulações do presente.

Para refletirmos sobre as falas desses sujeitos, utilizamos a concepção de Rohden (s. d., p. 5): “o corpo não é meramente um objeto de estudo mas um domínio de significado por meio do qual se pode chegar a compreender determinações mais profundas e mais gerais de cada cultura”. Percebemos, nas falas dos entrevistados, importantes pontos que merecem destaque, como: atribuem a ausência de sexo a fatores biológicos (doenças, morte), relacionam presente e passado e demonstram conhecimento sobre dados estatísticos de expectativa de vida e situações atuais que abarcam o sexo entre idosos.

O casal entrevistado descreve seus sentimentos sobre o fim de suas atividades sexuais:

Eu sinto vontade, até outro dia tava conversando com meu esposo, eu disse pra ele, a gente é a reação do corpo, porque você acostuma ter aquela relação, aquele momento de sexo, a gente sente, eu sinto, eu tenho 76 anos, mas de vez em quando a gente sente..., mas a vida da gente é assim, vai terminando e o sexo também vai acabando, mas eu sinto vontade e gostaria de ter usado até hoje... (C.D)

Hoje eu tive que tomar uma decisão na minha vida porque a nossa saúde foi acabando aos poucos, a minha esposa um problema sério de coração, e a gente foi vendo que a necessidade assim de não forçar muito essa parte então fomos tocando a vida, até os 75 anos foi tudo bem, mas depois fomos afastando porque não havia mais condições, do meu lado principalmente não havia mais condições,.... a idade pra mim que tenho bastante conhecimento sobre isso o normal é até setenta anos, agora depois disso ai já é tudo é lucro, depois do 70 anos o que vier é lucro é cheque especial, mais eu chegou até os 75 anos então eu comecei a sentir que não era mais possível, não tinha mais condições, então eu pensei o seguinte, bom, todo órgão que não usa atrofia, e isso aconteceu comigo, foi atrofiando, atrofiando, atrofiando até que hoje a nossa vida conjugal é a mesma não mudou nada nós dormimos juntos na mesma cama, lutamos pra estar juntos, não gostamos de ficar separados , mas só que o sexo não existe mais, porque forçar uma barra como a gente diz como homem, forçar uma barra só pra usar a mulher como um depósito de espermatozóide não há mais necessidades ... (G.D)

A senhora C.D, assim como dona Cândida Raposo, trata a questão do desejo sexual, o fato de ter vontade, como algo biológico, uma vez que uma vê seu

desejo como uma reação do corpo, por ser acostumada a manter relações sexuais, enquanto a outra se vê como paciente, como se houvesse algum problema com ela e, por isso, a necessidade de ir ao médico.

Desse modo, entendemos que há uma ligação muito forte com fatores biológicos. Mott (s.d.) afirma que a biologia humana não é um conjunto de imperativos absolutos, já que o meio ambiente e a cultura alteram o caráter biológico da sexualidade humana. Assim como Mott, também consideramos o caráter social da sexualidade, tal qual do gênero. Embora estivéssemos buscando a negação de qualquer determinismo biológico, esses sujeitos trazem essa questão como sendo muito intrínseca a eles.

Lévi-Strauss (1976, p. 41) afirma que “o homem é um ser biológico ao mesmo tempo que um indivíduo social”, e esta é a grande questão que nos coloca nesse embate, pois a distinção entre cultural e biológico é uma dificuldade insolúvel, que se expressa nas indagações de Lévi-Strauss sobre onde acaba a natureza e onde começa a cultura. Devemos considerar ainda “o perigo de se imaginar a existência de um biologismo que pode legitimar perigosas atitudes normativas para a sexualidade, rotulando certas condutas de naturais e outras como desviantes ou naturais”, que Mott (s.d., p. 8) ressalta.

Com relação às questões sexuais e às questões físicas, os entrevistados enfatizam as impossibilidades que encontram:

Ela às vezes fala, mas eu não tenho mais condições, eu vou pegar e ficar uma hora pra fazer sexo, não, isso não existe pra mim, é uma judiação por que o coração dela não agüenta, eu não posso puxar o braço que aí meu coração tenho que virar, então não pode, a mulher tem que estar livre, isso aí foi o que aconteceu comigo, porque a cabeça da gente, eu como um idoso, minha cabeça é assim, vai fazer o sexo a gente estar preparado pra aquilo ali, quando vai tocar na mulher ela fala não num faz isso, acabo, mato a charada, então não tem mais condições. (G.D)

Outro dia eu recebi visita de uma enfermeira que se formou ela disse assim pra mim: dona Maria já falei pro seu esposo agora é com você, me faça uma frase que tenha começo meio e fim. ... frase tem começo meio e fim e nós também temos começo, meio e fim. (C.D)

Em face dessa constante ênfase que os entrevistados dão aos fatores biológicos, podemos considerar a importância da sexualidade como construção cultural e expressão de relações indissociavelmente físicas e sociais.

Dentre as considerações expressas por esses sujeitos, encontramos uma peculiaridade comum à personagem Cândida Raposo e à senhora entrevistada: o fato de que ambas sentem desejo. O que as distingue são seus comportamentos em relação a essa manifestação, uma vez que dona Cândida se culpabiliza e se envergonha por isso, enquanto a senhora entrevistada afirma que não tem vergonha alguma:

Tá perguntando se eu teria vergonha ainda com essa idade de 76 anos ter vontade, imagina que eu vou sentir vergonha eu acharia, eu acho um acontecimento maravilhoso, eu acho ótimo, o sexo na minha vida foi ótimo, até hoje gostaria mesmo que eu tivesse tendo oportunidade para usar o sexo.
(C.D)

Essa distinção entre as duas mulheres parece corroborar a conclusão de Mott (s. d., p. 8): “a realidade sexual é variável em diversos sentidos. Muda no interior dos próprios indivíduos, dentro dos gêneros, nas sociedades, do mesmo modo como difere de gênero para gênero, de classe para classe e de sociedade para sociedade”. Ao considerarmos o âmbito da cultura para esta análise, podemos perceber que essa contradição entre os comportamentos analisados é decorrente das mudanças ocorridas na cultura. Segundo Cunha (1986, p.101), “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados.

Essas mudanças culturais também são percebidas por Laplatine (2000, p. 31), que assinala uma “*urgência de análise das mutações culturais* impostas pelo desenvolvimento extremamente rápido de todas as sociedades que estão passando por um desenvolvimento tecnológico absolutamente inédito, por mutações de suas relações sociais”. Essas mudanças podem ser observadas na fala do senhor entrevistado:

Antigamente tinha sim as pessoas que eu me lembro de, de velhos de mais de 70 anos que estavam tendo filhos e tudo mais, mas só que tem uma coisa, ele foi um velho que trabalhou na roça, não teve preocupação, não teve, não teve, não teve preocupação em ganhar dinheiro, de construir casa, ou coisa assim, ele só viveu essa vidinha, então esses aí até que conseguem mas o homem de negócio ele não passa de 60 anos ele já não é mais aquele.... Meu pai foi muito forte, até eu tenho irmão com 34 anos, meu pai até o 78 anos teve o último filho, mas ele teve três, três casamentos, três casamentos do primeiro com a minha mãe veio nove, criou cinco, no segundo com a minha madrasta veio seis, criou cinco, e depois com essa outra mulher tenho mais dois um com 76 anos e o outro ele tinha, ele tinha 78 anos, ele era muito forte, mas ele nunca ficou doente, eu tive essa dificuldade de sofrer, tive que ficar internado, pra tratar do problema que eu tive que era da estafa, que tive de tanto trabalhar, sempre fui muito trabalhador, muito administrador.

A comparação feita pelo entrevistado entre sua experiência sexual e a de seu pai mostra-nos as mudanças e permanências de aspectos da sexualidade na terceira idade. Isso contribui para percebermos que não existe um modelo de sexualidade; o que há são apenas aspectos comuns à sexualidade dos seres humanos, e isso independe da faixa etária. Para entendermos melhor, tomamos como base Lévi-Strauss (1976, p. 45), que, ao estudar a sexualidade dos macacos, assinala que:

[...] no domínio da vida sexual, também encontramos neles um quadro que corresponde quase inteiramente no comportamento sexual do homem... tanto nas modalidades normais quanto nas manifestações mais notáveis habitualmente chamadas “anormais”, porque se chocam com as convenções sociais.

Sobre a importância de trabalharmos essa sexualidade na terceira idade, recorreremos a Bosi (2004), para quem cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do ser humano, afirmando que a sociedade industrial é maléfica para a velhice, uma vez que rejeita o velho por ele não participar da produção.

Atualmente, nesse contexto de sociedade capitalista em que nos encontramos, podemos considerar alguns aspectos importantes. Um deles é a influência que a mídia pode exercer na manifestação da sexualidade, tendo em vista que a sexualidade criada e divulgada pela mídia constitui-se em um mecanismo social. Outro aspecto é a contribuição do processo de educação (escolar/familiar) sexual dos sujeitos em geral, e dos idosos, cuja imagem sempre é vinculada a

previdência social, qualidade de vida e a necessidades de assistência médica, silenciando as imagens de vulnerabilidade social e de tabu ou mito que a sexualidade desses sujeitos assume.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De um modo geral, não consideramos, neste ensaio, aspectos como as diferenças de classe social e etnicidade, como também não buscamos negar a existência dos fatores biológicos e sua ação sobre os sujeitos. Nossa pretensão foi mostrar que a vivência da sexualidade dos idosos muitas vezes encontra como impossibilidade a cultura em que estão inseridos, mas essa impossibilidade é atribuída ao lado biológico.

Entendemos que sexualidade está presente em todos os momentos da vida, não devendo estar ausente durante a terceira idade, tendo em vista que temos duas formas distintas de ver os idosos. Uma, segundo a qual o envelhecimento está relacionado com uma visão mais positiva, em que sobressaem fatores como a liberdade, a disponibilidade para o lazer; outra em que são relacionados a uma visão negativa, que os coloca de forma depreciativa, como doentes, dependentes, isolados socialmente. Martins e Rodrigues (s/d) destacam que, “no caso dos idosos, a valorização dos estereótipos projecta sobre a velhice uma representação social gerontofóbica e contribui para a imagem que estes têm de si próprios”. Dessa forma, entendemos que, por meio dos estereótipos, mitos e tabus, os idosos também passam a compartilhar dessas imagens negativas que temos em relação a eles.

Com relação à representação gerontofóbica, mencionada por Martins e Rodrigues, entendemos que essa representação é um fator comumente utilizado como “desculpa” pelos idosos para não terem relações sexuais, como vimos nas entrevistas quando o senhor G.D. passa a discorrer sobre os problemas de saúde dele e de sua esposa, atribuindo a ausência do sexo a essas doenças. Por meio do exemplo do senhor G.D., podemos perceber, no comportamento sexual do casal, a

ação dos estereótipos intrínsecos da cultura em que o casal está inserido, tendo em vista que:

Comportamento sexual não é universal. É fruto do aprendizado e como tal é ditado pela cultura em que cada indivíduo está inserido, portanto, os comportamentos podem ser diferentes em culturas diferentes e não tem necessariamente a finalidade procriativa. (MACHADO, *et. al.*, s/d)

Para analisar qualquer prática vinculada à sexualidade, é fundamental percebermos os sentidos que esta tem para o sujeito que a exerce, dentro de seu momento histórico e contexto cultural. Para tanto, é preciso também entender essa sexualidade como construção social, como sendo condicionada pela cultura.

Cabe ressaltar que todas essas reflexões tecidas a partir das entrevistas fazem parte de um processo difícil de trabalho da memória, pois, segundo Bosi (2004, p. 55), “a memória não é sonho; é trabalho”. Bosi afirma que a função social do velho é lembrar e aconselhar. Assim, este ensaio se faz relevante por trazer alguns aspectos da sexualidade vivenciada pelos idosos, por meio de suas falas, além de abordar a conduta sexual humana como sendo socioculturalmente determinada.

FONTES

Fontes impressas

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (Ruído de passos p. 55-56)

Fontes orais / Depoimentos

C.D. : depoimento [junho de 2010]. Entrevistadora: L. F. G. Botacci. Três Lagoas, 2010. Entrevista concedida à pesquisadora.

G.D. : depoimento [junho de 2010]. Entrevistadora: L. F. G. Botacci. Três Lagoas, 2010. Entrevista concedida à pesquisadora.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 12. Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivitização do envelhecimento*. Ed. Edusp/Fapesp, São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução: Mariano Ferreira. São Paulo: Editora Vozes LTDA, 1976.

MACHADO, Lucas Vianna, MACHADO, Iêda Pinheiro. *Sexualidade e TRH*. Disponível em http://www.lucasmachado.com.br/docs/sexualidade_e_trh.pdf Acessado 19/09/2011

MARTINS, Rosa Maria Lopes, RODRIGUES, Maria de Lurdes Martins. *Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica*. s/d Disponível em <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf> Acessado em 19/09/2011.

Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 1. ed., 2.^a reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/idoso.pdf> acessado em 19/09/2011.

MOTT, Luiz. *Teoria antropológica e sexualidade humana*. s/d.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

PICAZIO, Claudio. *Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais*. São Paulo: Summus, 1998.

RISMAN, Arnaldo. *A carruagem da sexualidade: o percurso da sexualidade na terceira idade*. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: 1996.

ROHDEN, Fabíola. *Gênero nas ciências da saúde: aproximações do campo e distâncias da teoria*. UERJ/Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. s. d.